

Resenha de “Uma imagem do mundo: realidade e imaterialidade”, de Walter Trinca

Review for “Uma imagem do mundo: realidade e imaterialidade”, by Walter Trinca

Revisión de “Uma imagem do mundo: realidade e imaterialidade”, de Walter Trinca

*Wilson Franco**

“Uma imagem do mundo: realidade e imaterialidade” (Trinca, 2019) é o livro mais recente de Walter Trinca, publicado no final de 2019 pela editora Blucher. Insere-se plenamente no horizonte da Psicanálise Compreensiva, que tem sido objeto de reflexão e sistematização por parte do autor nos últimos tempos (pelo menos desde 2009). No entanto, diferentemente de outras obras como “Psicanálise compreensiva: uma visão de conjunto” (Trinca, 2011) e “A arte interior do psicanalista” (Trinca, 2012), por exemplo, este mais recente se dedica muito mais a reflexões estéticas e humanistas que à clínica em sentido estrito. A bem da verdade, o livro poderia muito bem ser compreendido como um trabalho plenamente inserido no campo da Estética – ainda que o aporte da larga experiência clínica do autor e o horizonte teórico inspirado por ela orientem decisivamente essa imersão na Estética.

Essa perspectiva, ao que me parece, se deve basicamente à estruturação do livro: dividido em cinco partes, o livro tem seu coração pulsante na Parte II, que conta com onze capítulos dedicados à investigação do fenômeno-tema do livro (a imaterialidade) a partir de incursões em momentos privilegiados da história da arte, abrangendo desde as pinturas rupestres

* Instituto Sedes Sapientiae, SP, Brasil. E-mail: wilsondeacfranco@gmail.com

de Chauvet e Lascaux, produzidas há mais de vinte mil anos, até as obras de Thoreau e Krishnamurti, produzidas no recente século XX. Nestes contextos, como nos demais (que incluem a Grécia Clássica, poesias e pinturas das dinastias chinesas Tang e Song, renascentismo italiano, romantismo alemão e outros), Trinca mapeia elementos que permitem recolher indícios de ocasiões de contato intenso com a imaterialidade (em geral do ponto de vista do artista, mas eventualmente do ponto de vista da fruição do espectador ou, também, em composições indistintas de ambos). Essa parte II ocupa metade da extensão do livro e confere o tom da argumentação.

No entanto, ainda que se possa sugerir que o livro lança firmes raízes no campo da Estética, seria um grave descuido perder de vista sua inserção no campo da Psicanálise Compreensiva e, a partir desta, no campo da clínica e da teoria psicanalítica. As considerações estéticas de Trinca, inclusive, são fortemente tributárias da psicanálise que pratica: o próprio contato com a imaterialidade estudado pelo autor é um conceito inserido no campo da Psicanálise Compreensiva, e, para além disso, fica evidente que os mergulhos na história da arte são expressão do interesse do autor pela vivência de contato frutífero com a imaterialidade (que é, em sua concepção, uma ocasião privilegiada de saúde e, nesta medida, um objetivo da prática clínica psicanalítica).

Nesse exato sentido, o livro oferece uma ocasião privilegiada para compreender os propósitos da clínica na concepção do autor – afinal, as diversas manifestações artísticas estudadas serão oportunidade para salientar como a experiência humana pode, em sua singularidade, ser enriquecida quando há condição para a experiência da imaterialidade, e essa condição depende acima de tudo da saúde psíquica do sujeito. É ao estudo e sistematização desses condicionantes (propiciadores ou dificultadores do contato com a imaterialidade) que se dedicam as demais partes do livro (ou seja: as partes I, III, IV e V). Aqui, Trinca se dedicará a revelar como compreende a relação do humano com o mundo e a vida, a localizar a imaterialidade em relação à estrutura do aparelho psíquico (id, ego e superego) e às vivências de *self*, e apresentará um panorama acerca do tipo de vivências que dificulta, prejudica ou obstrui o acesso à imaterialidade. A ênfase do autor recai evidentemente sobre a dimensão positiva desse

espectro – ou seja, sobre a dimensão de expansão da consciência em direção à imaterialidade, sinalizando apenas brevemente como vivências psíquicas ruidosas e perturbadas ou marcadas por excessiva sensorialidade dificultam e obstruem essas vivências. Assim, ainda que se manifeste evidentemente o olhar clínico psicanalítico, a ênfase retórica recai em direção à fruição estética em sua dimensão de expansão da consciência, em termos do que o autor associa à luz interior, à radiância e outras formas de fruição prazerosa no contato com o imaterial. Talvez, inclusive, seja esse um dos motivos para que se perceba o livro mais dedicado à Estética que à clínica (já que a clínica costuma fazer incidir sua retórica sobretudo nos aspectos ligados ao processo saúde-doença, e Trinca se dedica aos aspectos da fruição e da transcendência).

Gostaria, por fim, de chamar atenção do leitor para dois aspectos polêmicos ligados ao livro, um com caráter mais crítico, outro com caráter mais elogioso. Começemos pelo elogioso: considero notável que o livro ofereça ocasião para desprendimento em relação aos parâmetros materialmente mais usuais nos debates psicanalíticos em nossos tempos – seja ligados à clínica *stricto sensu*, seja a aspectos políticos e sociais que a acolhem e condicionam, seja à sua interface com filosofia e ciências no contemporâneo. Pois bem, Trinca se endereça decididamente para além dessas plataformas, enfatizando seu compromisso com o imaterial e, por derivação, com o extemporâneo. Aí encontro uma ocasião saudável que o livro proporciona: um desprendimento em relação à atualidade por vezes sufocante de nossos tempos tão ligados, tão sensoriais.

O comentário mais crítico se apresenta, por assim dizer, na contra-face desta mesma característica: trata-se da apresentação de um debate tão desprendido dos determinantes materiais da existência que acaba chegando às raias do esoterismo especulativo. Cheguei a questionar, por exemplo, se a experiência da imaterialidade seria privilégio daqueles que têm a sorte de viver em um tempo e meio privilegiados (como a Grécia de Péricles ou a China dos Tang) ou a saúde psíquica (e material, acrescentaria eu) privilegiada a ponto de poder pôr-se acima das atribulações circundantes. A essa questão o próprio autor me sinalizou que não, que a imaterialidade é

acessível mesmo em ocasiões de carestia e em ambientes desprivilegiados – mas o leitor deve estar atento para não cair no equívoco de achar que o contato com a imaterialidade é privilégio de uns poucos.

Quanto a isso, no entanto, creio que o livro apenas replique uma rarefação que encontramos também em nossas vivências cotidianas. Afinal, em tempos turbulentos como os que vivemos, por vezes parece mesmo que a capacidade de desprender-se da espiral das más notícias é mesmo associada a privilégio – e me parece, inclusive, que todos corremos o risco de mergulhar em um modo afoito, frenético e sensorialista de interpelação do mundo e da vida. Nesse sentido, Trinca nos oferece um bom convite para a expansão da consciência – ocasião que nos servirá para fruição individual, como destaca Trinca, mas também (destaco eu) como forma de crítica e transformação do mundo.

REFERÊNCIAS

- Trinca, W. (2011). *Psicanálise compreensiva: uma concepção de conjunto*. São Paulo: Vetor.
- Trinca, W. (2012). *A arte interior do psicanalista*. São Paulo: Vetor.
- Trinca, W. (2019). *Uma imagem do mundo: realidade e imaterialidade*. São Paulo: Blucher.

Recebido em 05/10/2020

Aceito em 30/11/2020